

sábado

Caderno de

sabado@jt.com.br

O ouro, a prata e os DNAs das Amazonas

Uma exposição em Paris desnuda as mitológicas guerreiras e revela a existência de sociedades nômades e igualitárias por trás da lenda

Por Gabriela Melão

Após quase 30 séculos de existência, o mito das Amazonas continua viril em nosso imaginário. As mulheres guerreiras e auto-suficientes, que tratavam os homens, na melhor das hipóteses, como escravos, reinam até hoje nas profundezas da mente humana. Elas protagonizam inúmeras guerras de sexo na mitologia grega. Representam uma inversão do papel sexual, social e político das sociedades sedentárias e predominantemente masculinas. São imagens psíquicas do inconsciente coletivo, patrimônio comum da humanidade.

Desvendar seus mistérios é, portanto, revelador. Alimento para a história das civilizações e dos nossos próprios submundos. Se até pouco tempo a humanidade se encontrava subnutrida em relação a essa questão — contava apenas com escritos deixados pelos gregos, geralmente excessivos —, hoje ela dispõe de informações para uma vasta digestão. Isso é o que diz a pesquisadora, escritora e especialista em povos nômades Veronique Schiltz, responsável pela exposição O Ouro das Amazonas, que acontece até dia 7 de outubro no museu Cernuschi, em Paris, e depois viaja para Toulouse.

Schiltz reuniu pela primeira vez na França objetos encontrados em tumbas femininas no sul da Rússia, hoje espalhados por seis museus da região. Dentro de cada sepultura, armas e elementos de cavalaria conviviam com jóias e espelhos. A grande prova de que atrás do mito se esconde uma realidade: a existência de sociedades nômades igualitárias, que viveram entre a Europa e a Ásia, dos séculos 6 a. C. a 4 d. C. “Eu não estou dizendo que as mulheres detinham o poder, como muitos acreditam”, esclarece a francesa Schiltz. “Simplesmente, que o modo de vida nômade faz com que as tarefas cotidianas dos homens e das mulheres sejam bem mais próximas.”

Os nômades são muito apegados às suas crianças. O pai é mais participativo e compartilha melhor essa tarefa com a mãe

As temidas guerreiras, são, na verdade, mulheres livres e poderosas. Não pertencem a um lugar, muito menos a um marido. Ao contrário, têm responsabilidades comuns a todos do grupo. Praticam a caça, ocupam-se do rebanho, invadem novos territórios e se defendem. O surpreendente dessa organização social, avançada até para os tempos de hoje, não é a distribuição dos afazeres masculinos e femininos. Mas a naturalidade com que ela acontece. Não há consciência, reflexão ou qualquer reivindicação feminina. A igualdade existe por uma simples questão de necessidade. Consequência do modo de vida nômade de ser.

Veronique Schiltz recebeu o **Caderno de Sábado** para esta entrevista em seu apartamento, em Paris, em meio a uma confusão de livros empoeirados, espalhados pela sala. Schiltz transpira história, arqueologia e arte. De quebra, dá uma aula de vida: “Parte da cultura e maneira de pensar dos nômades é, finalmente, uma parte de nós mesmos. Tento desesperadamente dizer isso. No geral, e particularmente nessa exposição.”

O que a exposição esclarece sobre o mito das Amazonas?

Nós não conhecíamos nada sobre as Amazonas, além de falsas informações. Conhecíamos uma lenda, que fez fortuna na mitologia mundial graças aos gregos. Essencialmente, foram eles que nos contaram essa história extraordinária de mulheres cavaleiras, que lutavam e viviam sem homens, cortavam um dos seios para atirarem melhor com o arco e chegavam a atrofiar as pernas de suas crianças homens para não haver possibilidades deles tomarem o poder feminino. Naturalmente, isso não passa de um mito.

Quem foram as Amazonas, na realidade?

Estamos falando de sociedades nômades, que viveram de maneiras completamente diferentes das sedentárias. Ao contrário dessas últimas, que davam aos homens uma posição claramente dominante, as nômades eram mais igualitárias. Eu não estou dizendo que as mulheres detinham o poder, como muitos acreditam. Simplesmente, que o modo



AS OBRAS DAS GUERREIRAS: detalhe de um cinto em ouro e ferro, segunda metade do século 4, encontrado na Rússia

de vida nômade faz com que as tarefas cotidianas dos homens e das mulheres sejam bem mais próximas. Eventualmente, elas podiam inclusive portar armas. No caso, por exemplo, dos homens terem saído para caçar e elas precisarem defender suas crianças. Não que elas amassem guerrear. Mas o fariam, para assegurar a sobrevivência do grupo.

De onde vem a lenda?

Certamente do fato de os gregos terem visto mulheres combatendo junto com guerreiros nômades, no momento em que passavam pela Ásia Menor. Claro que depois eles incrementaram esse mito, mas não é por acaso que todas as lendas das Amazonas são situadas na Turquia moderna, ao sul do Mar Negro e às bordas do Mar d’Azov, de onde vieram os objetos da exposição.

Elas também guerreavam?

É difícil dizer, porque dispomos para essa conclusão de um certo número de testemunhos antigos e, geralmente, excessivos. Mas foram encontradas tumbas de mulheres com equipamentos de cavalaria e eventualmente armas. Algumas têm tamanha dimensão, tamanha riqueza, que fica fácil constatar o lugar que ocupava o sexo feminino nessas sociedades — de extrema importância, equivalente ao de certos homens.

Não há nenhum registro de uma sociedade nômade puramente feminina?

Não. Em compensação, acho totalmente possível a existência de batalhas femininas durante períodos de guerra. Não há provas, porém.

Como imagina que eram as sociedades nômades entre os séculos 6 a. C. e 4 d. C.?

Mais do que um século ou uma época, o que determina a essência de uma sociedade nômade é seu modo de vida. Se fizermos uma análise do tempo atual,

perceberemos mais ou menos as mesmas particularidades.

A sra. pode citar um exemplo?

Os nômades da China ou do Afeganistão. Apesar de não terem mais independência total — são dominados pelos poderes centrais —, os homens e as mulheres ainda ocupam posições mais igualitárias do que em sociedades sedentárias. É só analisar o comportamento das ciganas. Não sei como ocorre no Brasil, mas na França é impossível não notá-las andando nas ruas. Elas têm um brilho próprio. Uma espécie de liberdade de viver. Uma maneira diferente no andar, quase de realeza. Não são mulheres submissas, como as árabes.

Essa posição é natural, resultado do próprio modo de vida nômade?

Sim, elas são assim porque pre-



cisam. É uma questão de necessidade, de sobrevivência. O mundo nômade não tem casa. Se não existe casa, não existe forno. E se não existe forno, não existe mulher presa ao forno. É simples assim. A infelicidade das mulheres começou quando inventaram o forno.

As Amazonas são, de alguma maneira, uma das origens do feminismo?

Eu não diria, porque o feminismo é uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade. Deixando o nome Amazonas para a lenda e chamando-as de nômades, essas mulheres não tinham o menor recuo, nem analisavam a posição feminina. Esse tipo de pensamento não é característico da época antiga, mas da moderna. É claro que tivemos

mulheres gregas poetas, porém nenhuma que tenha feito uma análise de seu papel, em seu tempo. Será mesmo que no século 17 nós já pensávamos no assunto? Começamos, talvez, no século 19, sobretudo no século 20.

E a história de que elas cortavam um seio: é verdade?

Até hoje nunca foi encontrada prova alguma sobre isso, além de textos gregos. Então, existe toda a chance de que as Amazonas tinham dois e não um peito só. E exuberantes, como os da metade da humanidade.

O que foi possível constatar com base nos estudos arqueológicos?

Um respeito enorme ao ser vivente, seja ele homem, mulher ou animal. Até a maneira de se relacionar com o mundo infantil é diferente. Os nômades são muito apegados às suas crianças. O pai é mais participativo e compartilha melhor essa tarefa com a mãe. Claro que é ela quem amamenta, o pai no entanto está sempre lá. Isso vem da convivência, bem mais intensa do que quando os pais são sedentários.

Existe algum achado que evidencie uma atividade especialmente feminina?

Algumas tumbas mostram visivelmente a grande responsabilidade religiosa das mulheres. Uma vestimenta particular, a presença de um elemento do tipo bastão e uma variedade de espelhos que podemos associar à prática de adivinhação, previsão do futuro, contato com o outro mundo, etc. Mas repito: como não há superioridade de nenhum dos sexos nas sociedades nômades, os homens também poderiam praticar esse tipo de atividade.

Em que época foram encontradas essas tumbas?

Apesar do assunto ter sido reatualizado recentemente, isso não é uma desco-

berta recente. Existem registros de historiadores datados desde o fim do século 19.

O que, de mais interessante, foi encontrado nas escavações?

É formidável a diversidade de objetos que existem nessas tumbas. Mais do que belíssimos ouros, encontramos reunidos elementos de culturas diferentes. Por exemplo, na tumba da princesa de Kobiakovo (a única do antigo povo sarmata encontrada intacta e exposta integralmente na exposição) havia tanto um espelho chinês como um pequeno vaso romano e objetos tipicamente nômades.

Isso evidencia um diálogo entre esses povos?

Isso mostra o extraordinário papel de transmissores que têm os nômades, subestimado até uma data recente. Os nômades implantaram e agregaram muito, mas também transportaram e transmitiram.

Como compara a cultura nômade com a grega?

Eu me ocupo dos nômades, porém aprecio enormemente a cultura grega. É graças à sua escritura que conhecemos um pouco da vida nômade daquela época. Contudo, as duas culturas são praticamente incomparáveis. Enquanto a grega é a apoteose da civilização urbana, a nômade é o oposto. Não existe uma relação com o tempo acumulado a um mesmo lugar, diferentemente dos gregos. Toda a vida dos homens está dividida entre o tempo e o espaço. Com os sedentários é uma coisa e os nômades, o inverso.

E com relação aos objetos de arte gregos e nômades?

Nem os gregos e menos ainda os nômades criavam objetos com a intenção de fazer arte. Pelo contrário, para terem utilidade — prática, cerimonial, religiosa ou intelectual. As pessoas da antiguidade não são artistas criadores no senso moderno do termo, mas perfeitos artesãos, no senso nobre do termo. A noção de arte por arte é extremamente tardia. O primeiro a fazer essa reflexão é Platão. De uma maneira geral, podemos dizer que a civilização grega buscava representar a vida humana em suas criações. Já para os nômades, o mediador era muito menos o homem do que os animais. Então, ele se servia dos bichos para compreender o mundo. Encontramos, portanto, uma forte representação animal. Mais do que vegetal ou humana.

Enquanto as Amazonas eram livres e poderosas, as mulheres gregas viviam uma espécie de escravidão

Os antagonismos entre os gregos e as Amazonas intensificaram a fascinação pelo mito?

Sem dúvida. Dá para entender a atração dos gregos pelas Amazonas — eles são opostos. Enquanto as guerreiras eram livres e poderosas, as mulheres gregas viviam uma espécie de escravidão, presas aos afazeres domésticos e sem direito à educação formal. Podiam, inclusive, ser vendidas como escravas pelo pai ou pelo irmão, assim como confiadas à morte. A civilização grega é extremamente masculinizada. Para dar um exemplo, não existe noção de hereditariedade materna. Você pode dizer que seu pai é de tal família, mas se quer dizer de onde vem pelo lado de sua mãe, terá de falar que o irmão de sua mãe é de tal família. Tudo sempre repassa pelos homens.

Um povo com características tão igualitárias como os nômades fazia divisão de classes sociais?

Sim. Mesmo em se tratando de uma sociedade menos hierarquizada socialmente, existia o que chamamos de diferenciação. A riqueza era visível, traduzida pelos adereços de cavalos e roupas. Existia uma aristocracia nômade, guerreira, que fazia até exploração de escravos. Em compensação, também gente que nem cavalos tinha.

Como a sra. explica a longevidade desse mito, que sobrevive em nosso imaginário após quase 30 séculos de existência?

Essa idéia de mulher guerreira agradou muito. É uma imagem de combate contra um adversário bastante desconcertante, que até hoje surpreende. Todos os grandes heróis gregos enfrentam uma ou mais Amazonas.

Como explica a escassez dos povos nômades no tempo atual?

Para existir, um povo tem de conseguir se defender. A grande força do povo nômade vinha de sua dominação espacial. Eles se sobressaíam na rapidez, mobilidade e no fato de atirarem tão bem o arco. Perderam essas qualidades no momento em que foi inventada a arma à distância.

Gabriela Melão é jornalista

As lendas do mito

A fascinação dos gregos pelas Amazonas contou com o mais saboroso dos ingredientes: a imaginação. De real, só o fato de terem avistado guerreiras nômades quando passavam pela Ásia Menor. De fictício, mundos e fundos. Que os homens eram escravizados, assassinados ou tolerados somente para fins de procriação. Que os filhos tinham seus braços e pernas atrofiados — uma garantia de que nunca portariam armas e ameaçariam o poder feminino. E que as filhas tinham o peito direito cauterizado logo após o nascimento, para dispararem melhor o arco.

Há controvérsias quanto ao peitoril das guerreiras. Representações iconográficas mostram-nas como mulheres fortes e de seios intactos. E estudos mitológicos modernos descartam as mutilações. A conclusão é que Amazonas, na sua origem, significa mulheres de seios volumosos. Isso explica a relação com Ártemis, deusa da caça, dos animais e vegetais, segundo os gregos. Os peitos das

Amazonas simbolizavam os mil seios das nuvens, origem da água que fertiliza a terra, cuja criadora suprema é a própria Ártemis. A incursão da temida trupe feminina na mitologia grega é fértil. Hércules, quando perseguiu Hipólita pela lenda, lutou com um exército de Amazonas.



BROCHE em ouro e bronze dourado

Teseu também empreendeu uma expedição contra as Amazonas. A luta rendeu-lhe uma vitória e uma esposa: Antiope, segundo algumas lendas, e Hipólita, segundo outras. As Amazonas não ficaram de fora nem mesmo da Guerra de Tróia. Socorreram o rei de Tróia, Priamo — que em alguns textos também aparece como inimigo e acabou sendo morto pelo grande guerreiro Aquiles.

No Brasil elas não foram mais discretas. Cederam o nome para o maior rio do mundo, no que diz respeito à abundância de águas. O presidente da Guatemala da década de 1920, José Maria Orellana, observou que, em alguns sítios, mulheres combatiam lado a lado com os homens para expulsar invasores. O suficiente para rebatizar o antigo rio Maranhão de Amazonas.

Não foi a primeira vez que as guerreiras inspiraram o nome de um rio. O atual rio Don, na Rússia, já se chamou Amazonas. Ficou conhecido por ser a sala de banho das heroínas.